

Mário Adnet

Era JK: ensaíolos de uma utopía

Sou um músico gerado e nascido no Rio de Janeiro em 1957, durante os “anos dourados” do governo de Juscelino Kubitchek, e fui certamente contagiado, e ainda continuo até hoje, pelo otimismo desse período que muitos descrevem como um dos mais felizes da história do país, sobretudo para a música brasileira.

Não se pode falar em Bossa Nova sem se falar, obviamente, em João Gilberto, Antônio Carlos Jobim e Vinícius de Moraes, mas é de fundamental importância o ambiente favorável criado por Juscelino Kubitschek. E logicamente a contribuição de nossos grandes heróis irrequietos, entre compositores, arranjadores, músicos e intérpretes que já vinham modernizando a música brasileira apesar dos tempos menos azuis (a lista é interminável).

Quando ouvimos falar em Bossa Nova, associamos imediatamente o rótulo a um movimento musical feito por uma pequena elite da zona sul do Rio de Janeiro. Alguns críticos puristas diziam que era a música popular que passava das casas para os apartamentos, minimizando, talvez sem se dar conta, a extensão do que realmente aconteceu. Na verdade essa novidade não foi de última hora mas fruto de um processo de incubação que levou anos se manifestando isoladamente durante um longo inverno, até a chegada daquela primavera, o ambiente perfeito com jeito de Shangri-lá, que foi a “Era JK”. Tom Jobim, João Gilberto e Vinícius de Moraes foram, portanto, a ponta de um iceberg. E se pensar-

Foto: Mario Thompson



João Gilberto

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

mos bem, a obra que fizeram é tão utópica e desbravadora quanto a de JK. Vai muito além da zona sul do Rio e é maior do que o Brasil, tanto que atravessou as fronteiras.

No início dos anos 50, Tom Jobim dava duro nas noites do Rio para sustentar a família mas já mostrava a que veio, com suas melodias e harmonias avançadas. João Gilberto ainda não havia tido o estalo daquela batida sintética do violão e Vinícius de Moraes era um diplomata que fazia uma poesia ainda um tanto erudita. Juscelino era governador de Minas e já tinha feito alguns ensaios para o futuro próximo, com a ampliação da cidade (planejada) de Belo Horizonte, incluindo aí a criação de um novo bairro inteiro, a Pampulha,

projetada por um jovem arquiteto, Oscar Niemeyer. Vê-se que JK já tinha um faro fino para perceber e estimular novos talentos.

É interessante observar, sob o ponto de vista artístico musical é claro, esses personagens a começar pelo então presidente da república, cuja afinidade com artistas e literatos fez com que aquele período fosse tão generoso com a música.

Juscelino nasceu em Diamantina em 1902, teve infância e juventude pobre, ficou órfão de pai aos dois anos de idade e foi alfabetizado e educado pela mãe, a professora primária Júlia Kubitschek de Oliveira. O pai, João César de Oliveira era um homem inteligente, boêmio e, como todos os habitantes da cidade, gostava de serenata. Era também excelente dançarino e bom violonista. “Em todas as festas, ele era convocado;

mamãe tinha um temperamento exatamente contrário ao dele – uma mulher severa, rigorosa, filha de um alemão muito disciplinado”. A cidade de Diamantina, assim como as outras cidades de Minas daquele tempo, eram muito isoladas e tinham que se bastar em termos de cultura. Criavam seus próprios clubes literários e as escolas eram também núcleos culturais. – “Durante quase 200 anos, oito ou nove estabelecimentos de ensino, distribuídos por Diamantina, Mariana, Ouro Preto, Serro, concentraram a cultura de Minas Gerais. De modo que todos nós que ali vivíamos, tínhamos orgulho dos diamantinenses que já haviam passado por ali, e que, saindo de Diamantina, tinham conquistado, em outros pontos do país, glória ou fama. Sobretudo a política ensejava estas oportunidades; e também a literatura.”

João Nepomuceno Kubitschek, tio-avô de Juscelino, um dos primeiros ídolos do menino Nonô, chegou a vice-governador do estado, mas se tornou famoso pela sua poesia, que gostava de declamar nas históricas noites de luar de Diamantina. “Ele estudava em São Paulo, juntamente com a plêiade de outros brasileiros muito ilustres na literatura, entre os quais o grande, o imenso Castro Alves, que cuidavam só de escrever ou de produzir versos”.

Aos seis anos de idade teve, pela primeira vez, a “sensação de contato com uma pessoa importante” com a visita do “presidente” de Minas (como era chamado um governador de estado na época), João Pinheiro à Diamantina, que chegou a cavalo depois de vários dias de viagem e foi recebido por sua mãe. O “presidente”, na sala de visitas de sua casa, prometeu que fundaria o primeiro grupo escolar de Diamantina, o que foi cumprido à risca ainda no mesmo ano. Com isso D. Júlia foi a primeira professora nomeada e passou a receber um salário do estado, o que melhorou um pouco a vida da família. Juscelino foi um menino extremamente estudioso. Devorou os trezentos livros da biblioteca, além de todos os outros da cidade, “sobre qualquer assunto”, que pedia emprestado. Estudou francês com uma francesa que tinha vindo de Paris com o marido, no início do século passado, um minerador de diamante, que depois de explorar as minas à exaustão e aumentar os estragos nas encostas da cidade, voltou à terra natal abandonando a mulher no Brasil. Com ela, Juscelino traduziu todo o teatro clássico francês: Molière, Voltaire e Racine.



Esses dados sobre sua infância e adolescência parecem suficientes para dar a pista da importância que teriam a música, a literatura, a poesia, a cultura de maneira geral, na formação do futuro presidente. E com certeza a herança dos exemplos de disciplina e rigidez da mãe, do tio político-poeta, da promessa cumprida do “presidente” de Minas, além da simpatia, a alegria de viver e a boêmia, provavelmente herdadas do pai. Mas sua trajetória não foi só alegria e boêmia.

Num último depoimento em 1976, pouco antes de sua morte, ele mesmo admitiria: - “É muito difícil um homem sair de Diamantina, filho de uma viúva, pobre, chegar à presidência da República. É preciso ter um feitio muito especial de comunicação, senão não vence as dificuldades que eu tive que vencer. Primeiro, tive que vencer as dificuldades de baixo, depois as médias, e, finalmente, as de cima. Eu tive que enfrentar todas, porque enfrentei as dificuldades decorrentes da situação política municipal, estadual, federal, militar; tudo foi um conjunto”. Ou terá sido uma orquestra?

De volta ao início dos anos 50, esse “feitio muito especial de comunicação” já havia levado Juscelino duas vezes à câmara dos deputados, à prefeitura de Belo Horizonte e ao governo de Minas.

Enquanto isso no Rio de Janeiro, Antônio Carlos Jobim continuava tentando resolver “as dificuldades de baixo”, João Gilberto nem isso e Vinícius de Moraes, bem mais velho, talvez estivesse passando pelas “médias”.

Também para Jobim a vida não era só boemia. Descobriu em pouco tempo que como pianista da noite não chegaria a lugar algum e que ainda poderia ficar doente. Havia estudado com grandes mestres como Koellreuter, Tomás Teran e Lúcia Branco e para ser alguém, precisaria trocar a noite pelo dia. Com o incentivo da família, ele saiu do “cubo das trevas”, como se referia às boates, e passou aos trabalhos “diurnos”. Primeiramente arrumou um emprego na editora Euterpe e, pouco depois, na gravadora Continental, onde se tornou arranjador da casa, com a ajuda do maestro e compositor Radamés Gnattali, um de seus ídolos. A partir de 1953 começou a ter suas músicas gravadas, além de fazer arranjos para artistas como Orlando Silva e Dalva de Oliveira em final de carreira. Em 54, veio o primeiro sucesso, ‘Tereza da Praia’, com Billy Blanco, nas vozes sem firulas de Dick Farney e Lúcio Alves. Seu talento também

de orquestrador o levaria a projetos ousados como a ‘Sinfonia do Rio de Janeiro’, que talvez tenha sido um ensaio para ‘Orfeu do Conceição’, o primeiro trabalho com Vinícius, que conheceu já nos anos JK, e, mais tarde, ‘Brasília, Sinfonia da Alvorada’. Vinícius parecia estar descobrindo que a simplicidade da poesia era o grande segredo da expressão da música popular. Aos poucos foi rompendo os laços com os meios acadêmicos para se tornar o nosso “poetinha”. Musicalmente Tom Jobim já era moderno e tinha todas as características musicais que o tornariam o “maestro soberano”, na feliz expressão cunhada por Chico Buarque. Como me disse uma vez, numa entrevista gravada para o rádio, existia uma necessidade de se limpar a música, seja nos arranjos, na forma, faltava uma linguagem mais sintética. - “Meu piano é econômico. Sempre tentei ser conciso com as notas, usando poucas e boas, numa tentativa de fazer algo que significasse alguma coisa. Acho que essa minha preocupação deu resultado. Essa coisa que eu fiz, você vê hoje em dia na música, os músicos procurando dizer muito com poucas notas. Antigamente o pianista, o virtuoso, era aquele cara que fazia um monte de arpejos e escalas. Os músicos de sopro, muitos ainda tocam muitas notas no saxofone, no clarinete e assim havia essa tentativa



de dizer o essencial. O samba tinha mil percussionistas, os espaços estavam todos ocupados, a bateria mais parecia um mar durante uma tempestade. Era muita coisa tocando ao mesmo tempo, daí a necessidade de ir limpando”...

O detalhe que faltava para a mudança a que Tom se referia foi, com certeza, a batida também econômica do violão de João Gilberto.

João Gilberto chegou ao Rio de Janeiro em 1950, vindo de Salvador, onde era crooner da Rádio Sociedade da Bahia,



Foto: Mario Thompson

**Antônio Carlos Jobim
e Vinícius de Moraes**

para integrar o grupo vocal Garotos da Lua, contratado da Rádio Tupi, a convite de Alvinho, seu amigo e integrante do conjunto. Naquele tempo ele soltava a voz à la Orlando Silva, um de seus maiores ídolos. Chegou a gravar dois discos de 78 rotações cantando assim. Um detalhe curioso é que uma das características das interpretações de Orlando Silva é a brincadeira que ele fazia com as melodias, adiantando e atrasando, em relação ao acompanhamento, o que se tornou mais tarde a marca registrada de João Gilberto. A diferença é que como João tocava bem violão e era antes de tudo um músico, tinha maior controle rítmico sobre a “brincadeira,” pois era o responsável pelo próprio acompanhamento. Pode parecer mentira mas esse “achado” de João teria sido gestado justamente em Diamantina, durante os oito meses em que passou confinado na casa de sua irmã Dadainha, enquanto Juscelino estava em plena campanha para presidente. Estaria tudo planejado e ensaiado ?...

Mário Adnet – Compositor, violonista, arranjador e produtor carioca, Mario Adnet atua como profissional desde 1977. Em 1980 lançou seu primeiro disco, em duo com o compositor e pianista Alberto Rosenblit, e passou a atuar também como arranjador. Em 1984 lançou seu primeiro disco solo, “Planeta Azul. Nos anos 90 passou a ser gravado no exterior por intérpretes como Lisa Ono, Joyce, Charlie Byrd, Chuck Mangione e outros. Ao mesmo tempo, produziu e apresentou programas de música nas rádios MEC e Alvorada, com entrevistas de artistas da MPB. Em 1994 Tom Jobim incluiu em seu último disco (“Antônio Brasileiro”) o arranjo de “Maracangalha” (Dorival Caymmi) feito por Adnet, o que projetou seu trabalho como arranjador. Em seguida lançou seu CD “Pedra Bonita”, com participação de Tom Jobim, e excursionou pelo Japão ao lado de Lisa Ono. Em 98 passou a escrever perfis de artistas da MPB para o Segundo Caderno do jornal O Globo. Em 1999 lançou o CD “Para Gershwin e Jobim” que foi gravado entre o Rio e Nova Iorque. Depois vieram “Villa-Lobos-Coração Popular” no final de 2000, com canções do maestro em arranjos populares, “Para Gershwin e Jobim-Two Kites” em 2001, além de produzir ao lado do saxofonista Zé Nogueira, o álbum duplo “Ouro-Negro”, dedicado à obra do maestro Moacir Santos. Entre 2001 e o primeiro semestre de 2002 esteve por duas vezes no Japão como arranjador dos últimos CDs da cantora Lisa Ono. Lançou no início de 2002 “Rio Carioca”, em homenagem à cidade do Rio de Janeiro.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)